

Ricardo Cravo Albin

Repensando o Réveillon do Rio

Não se pode atribuir a Machado de Assis a condição de cronista essencialmente carioca. Não com a volúpia, por exemplo, de João do Rio ou mesmo, bastante depois, de Rubem Braga.

Mas ao fundador da Academia Brasileira de Letras não passaria despercebida a observação sutil da degradação dos costumes citadinos ante o novidadeirismo de governantes mais megalomaniacos que exatos. Machado já se referiu, em crônica publicada na virada do século, à falta de respeito das autoridades ao casario imperial e, também, aos pregões populares com que as ruas cariocas se enchiam de vida e de sabor.

Não tenho nenhuma dúvida de que, vivos estivessem, Machado e também João do Rio ou ainda Rubem Braga botariam suas respectivas e doutas bocas nos trombones para lamentar a transformação quase radical de mais uma querida tradição carioca e que foi a festa de Iemanjá em Copacabana, na noite do Réveillon.

Mas, vamos por etapas. Pra início de conversa, o Réveillon de Copacabana começou a ficar célebre nas décadas de 40 e 50 exatamente pelas oferendas a Iemanjá, objeto de crescente adesão da classe média alta que sempre fez suas festanças nos belos apartamentos da Avenida Atlântica. Os fogos de artifício começaram a se somar ao binômio Iemanjá moradores, a meu ver, sem prejuízo para ninguém, muito pelo contrário. Afinal, lucravam todos e também a indústria hoteleira, que ampliava a festa, ainda num nível tolerável,

para encher seus hotéis, restaurantes e similares. E o que ocorreu, especialmente nesses quase 20 anos? Administradores de turismo novidadeiros e despreparados resolveram descobrir a pólvora, isto é, ampliar a festa, transformando-a num mega mafuá. O resultado logo ficaria visível para qualquer observador mais atento. Quem lucraria? Ora, os referidos gênios marqueteiros do turismo, que assim podiam melhor bajular seus chefes, os prefeitos, logo incitados a declarações bombásticas e demagógicas do tipo “Copa terá o maior Réveillon do mundo”, e “terá o maior show do mundo”, “terá isso e aquilo maior do mundo”, entre outras sandices para impressionar futuros eleitores semianalfabetos, incapazes de refletir sobre a espezteira desses triunfalistas.

E quem perderia, sem que os geniozinhos novidadeiros a isso dessem a mínima? Primeiramente, os contribuintes que pagam IPTU caríssimo na Atlântica e no próprio bairro, incomodados com a sujeira, a poluição sonora desenfreada (que volta a todo o vapor) e o literal aprisionamento dentro dos limites de Copacabana. Segundo, o mais grave a meu ver, o destroçamento do elemento que motivou a notoriedade da festa, a enternecedora e bela Noite de Iemanjá, com seus cânticos, suas velas e as preciosas tradições do sincretismo afro-brasileiro.

Ao que li pelos jornais os festejos de Iemanjá, expulsa da orla de Copa, estão sendo transferidos paulatinamente para o dia 30 ou mesmo para a Barra e ou-

tras praias cariocas. Até mesmo para a pequena praia da Urca. Desse modo, centros de candomblé e umbanda evitaram, mais uma vez, os empecilhos e embaraços com que a orla de Copacabana é aviltada a partir das primeiras horas do dia 31.

Dito e feito. Nas duas festas de que participei, em apartamentos de Copa com amigos, pude testemunhar a desolação de pessoas as mais diversas pela ausência de Iemanjá, desde jornalistas e intelectuais europeus a senhoras da sociedade carioca, todos insatisfeitos com a falta das velas, dos cânticos e dos atabaques nas areias de Copacabana.

Areias, por sinal, que continuam abrigando os horrendos mafuás que insistem a cada verão em infelicitar e abastardar o ainda (?) cartão-postal do Rio. Aliás, o pique dos mafuás se verifica mesmo no Réveillon. Quando a todos os existentes ainda se somam os três palcos com suas respectivas parafernálias, para os shows. E ninguém toma mesmo uma providência corajosa para impedir esses horrores. Ao contrário. Enchem a Boca e vociferam – “Será o máximo!”.

Certamente que esses meus clamores serão puras palavras ao vento. Está mais do que na hora de a Prefeitura do Rio entender - de uma vez por todas - que as areias de Copacabana não devem admitir esses horrendos mafuás oficiais. Já bastam as quitandas particulares dos ambulantes e barraqueiros que emporalham e enfeiam as limpas e amoráveis praias do Leme, de Copa e da Urca.

Em resumo, quero dizer com

todas as letras uma possível blasfêmia – insisto blasfêmia – para muitas consciências triunfalistas e ocas: o bom não será planejar aumento do Réveillon de Copa, será, ao contrário, diminuí-lo e fazê-lo retroceder aos parâmetros ideais de quinhentas mil pessoas. Com Iemanjá, com velas e cânticos. Com seu respeito aos contribuintes do mais caro IPTU da cidade. Sem shows de qualquer espécie (que deverão existir, mas em outros lugares). Mas com fogos, de preferência tão lindos quanto os deste ano.

Nem tudo estará perdido para Copacabana, se ela voltar a ser o que já foi. Iemanjá, quem sabe? poderá retornar triunfante a Copa depois de seu autoexílio, caso os Réveillons alternativos se multipliquem como este ano a Secretaria de Turismo já sinalizou. Ou seja, o crescimento das festas em Ipanema, Leblon e Barra. Além do local naturalmente adequado ao maior Réveillon carioca, o mais acertado para o ano 2025, que são as praias da Baía de Guanabara em especial Flamengo, Glória, Botafogo e sua margem oposta de Icaraí, Niterói. Quem viu a queima de fogos na Baía de Sydney (Austrália) já poderá ter uma ideia de como será aqui, na baía mais bela e menos aproveitada do mundo até porque, até hoje, nenhum governo conseguiu limpá-la convenientemente... Ali, sim, poderiam ser realizados os shows e os espetáculos que a burrice caturra, e não há outro nome para melhor defini-la, insiste em realizar nos mafuás plantados nas pobres e sacrificadas areias de Copa.

EDITORIAL

Os fatos marcantes das histórias dos países

Há datas em todos os países que marcam momentos históricos ou populares. No Brasil, temos a Revolução de 1930, que exterminou a política do café-com-leite e o coronelismo, instaurando uma reformulação política na República. Em Portugal, há a Revolução dos Cravos, que completa 50 anos e fez o poder de Antônio Salazar se sucumbir.

A famosa letra de Chico Buarque, “Tanto Mar” — Sei que está em festa, pá/ Fico contente/ E enquanto estou ausente/ Guarda um cravo para mim/ Eu queria estar na festa, pá/ Com a tua gente/ E colher pessoalmente/ Uma flor no teu jardim — expressa um pouco esse momento. Tanto que aqui no país, em razão do regime militar, ela não foi autorizada a ir nas rádios, só depois da ditadura.

A Revolução dos Cravos foi um marco para Portugal, pelo fim de um regime considerado fascista. No Brasil, sua consequência foi a abertura para que muitos artistas fossem, exilados, para as terras lusitanas.

Esses momentos marcantes da construção ou reconstrução de uma nação são importantes para que as novas

gerações saibam os motivos pelos quais seus parentes mais velhos tiveram que passar. Por isso que a história e a memória não deve ser renegada, assim como a cultura. Tudo que envolva pensamento, crítica e construção de opinião merece uma atenção especial. Porém, nem sempre isso é levado à sério.

A educação é um pilar importante para que a população tenha dissidência e sabedoria para ter conversas sólidas e consistentes, a fim todos terem um diálogo franco e aberto.

Não apenas estes, como outros movimentos marcantes, assim como as independências das antigas colônias europeias na África e na Ásia, são de enorme valor para conhecermos um pouco da história e suas consequências para o Brasil.

A terra tupiniquim, que tem 524 anos de vida, com sete constituições e mudança de império para república, com passagem por um regime fascista e outro militar, ainda procura construir o progresso, a ordem, a paz e o amor, lema do positivismo, a principal base da construção da República, em 1889.

A vida em segundo plano

“Uma ocorrência envolvendo o Corpo de Bombeiros (CBMDF) e a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) bloqueou temporariamente os dois sentidos do Buraco do Tatu, em Brasília”. Foi isso o que o noticiário disseminou, na última quinta-feira (25), sobre um episódio triste e delicado que ocorreu na principal via de Brasília, bem no meio da capital, dentro do coração que pulsa acelerado (e anda rápido) da Rodoviária do Plano Piloto.

“Com a interdição das vias S1 e N1 da Eplanada dos Ministérios — fechadas desde a madrugada devido ao ato dos participantes do 20º Acampamento Terra Livre (ATL) programado para

a tarde —, a recomendação é de que os motoristas busquem rotas alternativas na área central de Brasília”.

Uma mulher, sem nome, sem rosto e, até o final da noite, sem motivações, atrasou o trânsito. Um engarrafamento se formou nas duas vias e o que se ouvia sobre o assunto era: “cheguei atrasado no trabalho. Olha como o engarrafamento está grande!”.

A preocupação com a vida de uma pessoa ficou em segundo plano, já que a vida anda, e anda rápido, sem parar para sequer um questionamento. É como canta Chico Buarque: “Morreu na contramão atrapalhando o público”. E a vida do brasileiro? Continuou.

Paulo César Caju*

Nível técnico e social do futebol precisa melhorar

Geraldinos, em mais uma rodada da Copa Libertadores, espanta-me que ainda, em pleno século XXI, a altitude venha a ser a desculpa pelos fracassos dos clubes quando atuam na Bolívia, Colômbia, Equador e Peru. A coletiva do Tite, citando até Guardiola e como a ciência ajuda o futebol, mostrou o quanto o esporte hoje está moderno, porém, cheio de regalias. Quando era jogador, ninguém queria ser poupado, pois poderia facilmente perder a titularidade. Hoje, parece que alguns atletas são intocáveis e podem ser preservados, que no jogo seguinte estarão em campo, mesmo se o reserva entrar bem. Jogador não cansa no gramado porque são 22 pessoas correndo atrás da bola, com cada um ocupando seu espaço, com troca de passes, entre os três setores do campo, funcionando em conjunto - defesa (goleiro, laterais e zagueiros; meio (volantes e meias); ataque (atacantes).

E por falar em Tite e Flamengo, essa imprensa está cada vez mais clubista. Um programa esportivo dedicar meia hora ou mais para falar da derrota de um time, com justificativas que beiram a contradição, é algo surreal, para não ser desleal. Da mesma forma que a altitude é ruim para os jogadores brasileiros, o clima de 50 graus também incomoda as outras equipes da

América do Sul. Quando tinha jogos na Bolívia, Peru, Equador e Colômbia, íamos antes para nos adaptar. Se o futebol “moderno” de hoje tem a ciência como suporte, por que não mandar uma equipe reserva já para treinar em La Paz, já que isto estava no planejamento? Em São Paulo, Palmeiras e Corinthians dominam o noticiário. A imprensa de lá comenta que o Palmeiras fez uma virada heróica, mas esquecem de falar que o goleiro do Del Valle falhou no primeiro gol e que isso pode ter desestabilizado o time equatoriano durante o jogo. Até porque, sair vencendo de 2 a 0 no intervalo é uma situação e sair vencendo de 2 a 1, mas com o gol do adversário sendo de um erro individual, é outra.

Dois assuntos não podem deixar de ser comentados. O primeiro é o depoimento de John Textor na CPI das Apostas Esportivas. O que o ex-comentarista e atual senador por Goiás, Jorge Kajuru, disse durante o depoimento do dono da SAF do Botafogo merece aplausos. Este caso lembra muito o das apostas das lotéricas da década de 1980, quando 125 pessoas foram denunciadas e 20 indiciadas. Outro, mais recente, foi no Brasilirão de 2005, quando 11 partidas apitadas pelo então árbitro Edilson Pereira de Carvalho foram anuladas e realizadas novamente.

Se o que Textor realmente diz for verdade, que os culpados sejam condenados.

O outro é o caso dos jogadores do Fluminense. Isso é reflexo do comportamento do Diniz para com os jogadores. Um técnico que fala palavrões, berra, grita e xinga em campo, por mais que fora dela possa fazer o papel de psicólogo, outra formação acadêmica dele, mostra o quanto descontrolado ele é e a consequência disso foi este caso.

Antes das pérolas, como alguns dirigentes clubes em transformar grandes jogadores em medianos. Vasco, Corinthians, Cruzeiro, principalmente, que têm tudo para disputarem por títulos, pela tradição, podem, ao que tudo indica, estarem disputando contra o rebaixamento. Botafogo, São Paulo e Internacional também podem ser incluídos nesta lista, mas com ressalvas, pois suas administrações ainda são melhores que as dos três primeiros clubes citados.

Pérolas da semana

1 - “Virou a chave e trocou o pneu com time andando na primeira prateleira” (clubes virou oficina agora)

2 - “Jogador tentou a segunda bola (só existe uma em campo!), fazendo duelo centralizado, diminuindo o padrão e amassando o adversário, mol-

dando o primeiro tempo”.

3 - “Tapa na orelha da bola (bola não tem cara nem face!), trocando passe com os companheiros”

4 - Zona de conforto para jogar (traga-me um sofá), com um volante caçador” (vamos pegar um rifle)

5 - “Fazer a rotação com um atacante agudo e um ala transitando, oferecendo o lado para o falso 9, entrando com o tanque cheio, de gasolina, faltando 15 minutos para o segundo tempo”.

6 - “Viajando pela diagonal por dentro, espantando uma bola mais alta, fazendo assistência pela vertical, trabalhando a largura, encaixando a linha de 5 com conforto, com a retranca costumeira do futebol” (sem comentários).

7 - “Compactado defensivamente, reconfigurando o GPS, quebrando as linhas e mexendo nos setores — defesa, meio campo e ataque, com jogadores de lado de campo, com atacante se oferecendo lá na frente” (vou chamar a ambulância para socorrê-los)

*Ex-jogador de futebol. Fez parte da seleção do Tricampeonato Mundial no México em 1970. Atuou nos quatro grandes clubes do Rio (Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense), Corinthians, Grêmio e Olympique de Marseille (França).

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

HÁ 100 ANOS: CARDEAL ARCOVERDE COMEMORA JUBILEU SACERDOTAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 26 de abril de 1924 foram: tropas mexicanas tentam eliminar os últimos redutos dos

revolucionários. Guerra Civil em Honduras piora. Governo irlandês descobre uma conspiração dos trabalhadores para dinamitar o presí-

dio de Maryborough. Ministério define as atribuições da Inspeção Geral da Fazenda. Cardeal Arcoverde comemora jubileu sacerdotal.

HÁ 75 ANOS: EMBAIXADA DOS EUA É VIOLADA EM XANGAI

As principais notícias do Correio da Manhã em 26 de abril de 1949 foram: Potências ocidentais anunciam a formação do Estado

Federal da Alemanha Ocidental. Embaixada norte-americana é violada em Xangai. Projeto no Senado visa modificar os quadros paralelos

do Exército. Câmara dos Deputados debate novas emendas à Lei Eleitoral. Marinha tenta desenganchar o navio “Magdalena”.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
WhatsApp: (21) 97948-0452

Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP: 22775-057

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.

